

O que as mensagens às sete igrejas do Apocalipse têm a ensinar para o Movimento de Crescimento de Igreja?

What the messages to the seven churches of Revelation have to teach to the Church Growth Movement?

Wanderson F. M. de Oliveira*

Mestrado em Teologia (Seminário Teológico Evangélico do Betel Brasileiro/PB)
Bacharelado em Administração (UFRN)

Resumo

O presente trabalho objetiva analisar o que as mensagens dirigidas às sete igrejas do Apocalipse têm a ensinar para o Movimento de Crescimento de Igreja (MCI). Em função da gestão das igrejas hoje ser tratada da mesma forma como sendo similar à administração de uma empresa, a ênfase no crescimento da quantidade de membros nas igrejas e a sua expansão geográfica têm sido critérios aceitos como prioritários, em detrimento de outros, de natureza espiritual, conforme constam nas cartas às sete igrejas do Apocalipse.

Palavras-chave

Crescimento de igreja. Apocalipse. Movimento de Crescimento de Igreja.

Abstract

This paper analyzes what the messages addressed to the seven churches of Revelation have to teach to the Church Growth Movement (ICM). Depending on the management of churches today be treated the same way as similar to running a business, the emphasis on growth in the number of members in churches and geographical expansion have been accepted criteria as priority over others, of a spiritual nature, as contained in the letters to the seven churches of Revelation.

Keywords

Church Growth. Revelation. Church Growth Movement.

Considerações Iniciais

O MCI teve a sua origem “oficial” em 1955 com a publicação do livro *The Bridgest of God* (As Pontes de Deus), escrito por Donald A. McGavran. Ao retornar da Índia, em 1961, onde era missionário, McGavran fundou o *Institute of Church Growth* (Instituto de Crescimento de Igreja), na cidade de Eugene, no estado do Oregon (EUA). Posteriormente, em 1965, em virtude do convite do Seminário Teológico Fuller na Califórnia, foram

* O autor é bacharel em Administração de Empresa pela UFRN e mestre em Teologia pelo Seminário Teológico Evangélico do Betel Brasileiro/PB. É professor do Seminário Teológico Batista Potiguar, do Centro de Treinamento Teológico Harland Graham, do Seminário Teológico Evangélico de Natal e membro da Igreja Batista Ágape, todos em Natal/RN. É editor acadêmico da revista *Reflexão Teológica*, publicada pelo Seminário Teológico Evangélico do Betel Brasileiro. E-mail: wandersonf81@gmail.com

organizados um novo *Institute of Church Growth* e a *School of World Mission* (Escola de Missões Mundiais). A Academia Americana de Crescimento de Igreja conceitua o MCI como sendo “A ciência que estuda o plantio, multiplicação, função e saúde das igrejas cristãs, especificamente no que se relaciona com a implementação da Grande Comissão de ‘fazer discípulos de todas as nações’ (Mt 28.19)”.

Os pressupostos teológicos principais do MCI são:

1. A glória de Deus como fim supremo do ser humano.
2. O Senhorio de Cristo.
3. A autoridade normativa das Escrituras.
4. A realidade escatológica final do pecado, salvação e morte eterna.
5. O ministério pessoal do Espírito Santo.

Segundo Miranda, um dos expoentes do MCI, baseando-se na fundação e desenvolvimento da Igreja Cristã de Atos 2-4, quatro tipos de crescimento ocorreu na mesma e deduz-se que serve de referência para outras igrejas: crescimento *espiritual, corporativo, social e numérico*.¹

Sobre o tipo *numérico*, este tem sido o que mais tem recebido ênfase pelos expoentes dos modelos de crescimento de igreja, já que, conforme disse Donald McGavran: “A abordagem numérica é essencial para entender o crescimento da igreja. A Igreja é constituída de pessoas contáveis e não há nada particularmente espiritual em não contá-las”.² Atualmente, existem várias instituições e especialistas (teólogos, antropólogos, sociólogos e estatísticos, dentre outros) que estudam o crescimento de igreja em diversas partes do mundo³, procurando entender como se processa esse crescimento, sua(s) causa(s), os fatores envolvidos (liderança, cultura local, gestão eclesiástica, utilização de mídias diversas etc.) e como esse crescimento poderá ser aplicada em outras igrejas em contextos diferentes, para a obtenção dos mesmos resultados.

Para a análise do crescimento das igrejas são empregadas as ferramentas das ciências sociais (pesquisa de mercado, mapeamento geográfico, densidade demográfica e dados estatísticos, entre outras) e os critérios para discernir sobre a qualidade do crescimento são emprestados das ciências administrativas. Deste modo, este trabalho será constituído das seguintes partes: 1. Modelos contemporâneos de crescimento de igreja; 2. Análise das mensagens às sete igrejas do Apocalipse; 3. Considerações finais. Serão estudados, na primeira parte, três modelos de crescimento bastante empregados pelas igrejas brasileiras de um modo geral. Serão descritas, sinteticamente, as principais

¹ MIRANDA, Juan Carlos. *Manual de crescimento da igreja*. São Paulo: Vida Nova, 1991. p. 17-20.

² MCGAVRAN, Donald. *Compreendendo o crescimento da igreja*. São Paulo: Sepal, 2001. p. 111.

³ No Brasil existe a organização: Servindo aos Pastores e Líderes (SEPAL), que tem realizado pesquisas sobre o crescimento das igrejas e ministrado cursos e treinamentos com esse objetivo.

premissas, as características e um breve relato histórico de cada um. Na segunda parte, serão analisadas as mensagens às sete igrejas do Apocalipse, objetivando extrair para o MCI, possíveis ensinamentos a propósito do assunto de crescimento de igreja. Na terceira e última parte, serão expostas as considerações finais sobre o tema estudado e sua aplicação para as igrejas evangélicas de um modo geral.

Este estudo é relevante porque trata de responder aos seguintes problemas muito importantes: *biblicamente, é da vontade de Deus que uma igreja local cresça da mesma forma como crescem as organizações que visam o lucro? Os critérios para medir o crescimento da Igreja e os para incrementar esse crescimento podem ser os mesmos utilizados pelas empresas seculares? Afinal, não foi o Senhor Jesus quem repreendeu a igreja de Laodicéia, dizendo: "Você diz: 'Estou rico, adquiri riquezas e não preciso de nada'. Não reconhece, porém, que é miserável, digno de compaixão, pobre, cego e que está nu."?* (Ap 3.17, NVI)

Modelos Contemporâneos de Crescimento de Igreja

Nesta parte serão estudados os três mais conhecidos modelos de crescimento de igreja no Brasil, descrevendo suas origens, autores e principais ensinamentos. Embora esses modelos não tenham vínculo direto com o MCI, entretanto, por possuírem o mesmo foco, ou seja, a busca pelo crescimento da Igreja, eles farão parte deste estudo.

Igreja com propósitos (IC)

Apesar de não ser um sistema organizacional formal, intitulado de "Igreja com Propósitos", contudo, trata-se de um movimento bastante influente nas igrejas evangélicas americanas e brasileiras, idealizado por Rick Warren, pastor titular da igreja *Saddleblack Valley Community Church*, em Orange, na Califórnia (EUA).

No livro *Uma Igreja Com Propósitos*, de Rick Warren, publicado no Brasil pela Editora Vida em 1997, contém a história da origem da igreja e do ministério do Pr. Rick.⁴ As premissas básicas desse movimento são:

1. A igreja deve fazer uma auto-análise para descobrir o que está impedindo o seu crescimento.⁵ O que fará uma igreja crescer não é a adesão desta a um método de crescimento, mas sim, quando a mesma identificar e eliminar o que está impedindo-a de crescer.
2. A igreja deverá focar a sua atenção para os "sem igreja" (pessoas não convertidas). Para isso, as suas atividades, cultos, reuniões, orações, louvores, pregações, testemunhos e organização física da igreja devem ser estruturados visando alcançar esse tipo de "mercado".

⁴ WARREN, Rick. *Uma igreja com propósitos*. São Paulo: Vida, 1998.

⁵ WARREN, 1998, p. 21.

3. Por isso, a igreja deverá fazer uma pesquisa para conhecer o “nicho de mercado” que pretende atingir (crenças, valores, desejos, necessidades, imagens que possuam dos evangélicos e da religião de um modo geral, etc.).⁶
4. Após a igreja ter descoberto e eliminado o que está impedindo-a de crescer, depois de fazer a pesquisa para conhecer o perfil do “sem igreja” que planeja alcançar e em seguida, realizado a reorganização da igreja (tendo como foco alcançar o “sem igreja” pesquisado), ela deve então procurar descobrir o propósito de Deus específico para a mesma.

Segundo Warren, os cinco propósitos universais de Deus para qualquer igreja são:

- 1) Amar a Deus com todo o coração.
- 2) Amar o seu próximo como a si mesmo.
- 3) Ir e fazer discípulos.
- 4) Batizar.
- 5) Ensinar a obediência.⁷

Portanto, o foco desse movimento é o “sem igreja” e, embora seja alegado que o objetivo principal do mesmo não é o crescimento numérico da igreja (p. 22), não obstante, na p. 80, o autor anuncia que “A Bíblia claramente identifica o crescimento numérico como fruto, [...]” e na propaganda da contracapa do livro está escrito que “[...] A Igreja de Saddleback cresceu, num espaço de 15 anos, de apenas uma família para mais de 10 mil pessoas na frequência aos cultos, ao mesmo tempo em que implantava 26 outras igrejas [...]”, dando a entender que a igreja que adotar os princípios defendidos pelo movimento de IC irá apresentar um grande crescimento na quantidade de seus membros, porque é a vontade de Deus que isso ocorra.

Desenvolvimento natural da igreja (DNI)

Christian A. Schwarz liderou um projeto que procurava responder ao seguinte problema: *quais os princípios de crescimento de igreja válidos independentemente da cultura, direção teológica ou denominacional?* Para isso, realizou uma pesquisa (recebendo um tratamento científico) com 1.000 igrejas, em 32 países, nos cinco continentes, entre 1994 e 96 e obteve um total de 4,2 milhões de respostas. A tabulação final dessas respostas revelou as oito marcas das igrejas que têm o potencial de crescer, independentemente do seu tamanho, localização geográfica, da tradição teológica a que pertença, da cultura e do meio social em que esteja inserida:

⁶ WARREN, 1998, p. 198-224.

⁷ WARREN, 1998, p. 27-30.

1. *Liderança capacitadora*: “os líderes de igrejas que crescem concentram os seus esforços em capacitar outras pessoas para o ministério”.⁸
2. *Ministérios orientados pelos dons espirituais*: “À medida que cristãos vivem de acordo com os seus dons espirituais, eles não trabalham pelas próprias forças, mas o Espírito de Deus trabalha nelas”.⁹
3. *Espiritualidade contagiante*: é quando “[...] os crentes de uma determinada igreja vivem sua fé com dedicação, paixão, fogo e entusiasmo”.¹⁰
4. *Estruturas funcionais*: é quando todo tipo de estrutura de uma igreja (predial, constituição de uma programação, organograma, dias, horários e tipos de cultos, etc.) é reavaliado frequentemente, objetivando adequá-lo (ou eliminá-lo) para que a igreja funcione saudavelmente.
5. *Culto inspirador*: é quando os presentes no culto (crentes e descrentes) percebem claramente o agir do Espírito Santo e se sentem “inspirados” por Ele.
6. *Grupos familiares*: é a igreja formada por pequenos grupos, onde são tratados os assuntos relevantes para a realidade concreta dos integrantes dos mesmos.
7. *Evangelização orientada pelas necessidades*: “É a tarefa de cada cristão, no entanto, servir àquele não cristão, com quem ele tem um bom relacionamento, com o dom que Deus lhe deu e engajar-se para que a pessoa entre em contato com a igreja e ouça o evangelho”.¹¹
8. *Relacionamentos marcados pelo amor fraternal*.

Schwarz defende que:

1. O desenvolvimento natural da igreja, como a própria expressão diz, significa o nascimento e o desenvolvimento (que deve ser) natural de uma igreja, assim como acontece em várias parábolas que Jesus anunciou sobre o Reino de Deus, as quais contêm esse princípio (Mt 13.24-30; 13.31-32; Mc 4.26-29) e no comentário de Paulo falando da igreja ser como uma *lavoura* de Deus (1 Co 3.6-9).¹²
2. Por isso, a igreja deve identificar em si mesma os processos automáticos de crescimento com os quais Deus deseja edificá-la (fazê-la crescer) e liberá-los.¹³

⁸ SCHWARZ, Christian A. *O desenvolvimento natural da igreja*: guia prático para cristãos e igrejas que se decepcionaram com receitas mirabolantes de crescimento. Curitiba: Esperança, 1996. p. 22.

⁹ SCHWARZ, 1996, p. 24.

¹⁰ SCHWARZ, 1996, p. 26.

¹¹ SCHWARZ, 1996, p. 35.

¹² SCHWARZ, 1996, p. 12-14.

¹³ SCHWARZ, 1996, p. 13.

3. As oito marcas verificadas nas igrejas que crescem nos cinco continentes são universais e elas estão presentes nas mesmas.

Para o movimento de *DNI*, o foco principal é a igreja local, no sentido dela procurar se libertar daquilo que está bloqueando o seu crescimento. Fazendo assim, a igreja crescerá naturalmente, assim como acontece no cultivo de qualquer semente: se ela for semeada de maneira correta, num bom solo e irrigada adequadamente, no seu devido tempo, crescerá e *naturalmente* produzirá o fruto.

Rede ministerial (RM)

Enquanto que no movimento de *IC* o foco de atuação da igreja deva ser concentrado no “sem igreja”, e no *DNI* a ênfase está em trabalhar prioritariamente a própria igreja e esta, conseqüentemente, alcançará os “sem igreja”, na *RM* o objetivo principal é fazer uma reengenharia da igreja sob a perspectiva dos dons espirituais (ou seja: “colocar as pessoas certas, nos lugares certos, pelas razões certas”) para, secundária e conseqüentemente, atingir os não convertidos e produzir o crescimento dela.

O propósito principal da *RM* é auxiliar os crentes a descobrir o seu dom espiritual¹⁴ e a usá-lo com paixão¹⁵ na igreja local de acordo com as suas características pessoais.¹⁶ Assim, na visão da *RM*, a igreja deve ajudar seus membros a descobrirem e a exercitarem seus dons espirituais com prazer e fervor, ocupando as funções da igreja relacionadas com o seu dom (esta por sua vez, deverá realizar uma reengenharia organizacional, para que a mesma seja reestruturada de acordo com os dons espirituais dos seus membros).

A julgar pelos comentários dos líderes das igrejas que constam na contracapa do livro: *Rede Ministerial: pessoas certas, nos lugares certos, pelas razões certas*, publicado pela Editora Vida em 2001, sobre os resultados que obtiveram depois que passaram a utilizar a visão da *RM* em seus ministérios, havia uma grande expectativa do crescimento da igreja de um modo geral, tendo como foco principal, o conseqüente aumento da quantidade de membros.

Portanto, observa-se nestes três modelos, que a procura pelo crescimento numérico da igreja (possivelmente por ser o mais visível e o que dá o retorno mais concreto e rápido), influenciado pelos critérios de análise de crescimento das empresas seculares, é o que tem predominado. Parece que o objetivo principal da Igreja deva ser o constante aumento da quantidade de pessoas participando de suas programações religiosas. Se o fato acima acontece, segundo os defensores desses modelos, a Igreja está

¹⁴ BUGBEE, Bruce; COUSINS, Dom; HYBELS, Bill. *Rede ministerial: pessoas certas, nos lugares certos, pelas razões certas*. São Paulo: Vida, 2001. p. 31.

¹⁵ BUGBEE; COUSINS; HYBELS, 2001, p. 34.

¹⁶ BUGBEE; COUSINS; HYBELS, 2001,, p. 35.

crescendo, prosperando e sendo vitoriosa, assim como ocorre com as demais organizações que visam o lucro. Mas, o que é que as mensagens às sete igrejas do Apocalipse podem trazer de endosso ou de refutação a isso? É o que será estudado a seguir.

As mensagens às sete igrejas do Apocalipse

Quando o apóstolo João¹⁷ escreveu o Apocalipse, por volta de 90 d.C.¹⁸ da Ilha de Patmos (Ap 1.9), as setes igrejas mencionadas em sua carta provavelmente já existiam há quase 40 anos.¹⁹ Pelo fato do Apocalipse ter sido o último texto a compor o cânon do NT,²⁰ (segundo Merrill C. Tenney²¹, “O livro do Apocalipse encerra o cânon e a história do Novo Testamento”) e, em razão do objetivo de sua escrita foi que o mesmo fosse lido nessas igrejas, que já tinham sido fundadas por vários anos (1.4, 11), há então aqui alguns fatores que indicam a possibilidade dessa mensagem ter algo a ensinar acerca do movimento de crescimento de igreja:²²

1. Como já foi mencionado antes, no primeiro parágrafo acima, essas sete igrejas já funcionavam aproximadamente há 40 anos.

2. Todas elas foram fundadas em grandes cidades da Ásia (como será visto a seguir), muito desenvolvidas comercialmente e a sua população possuindo um relativo padrão de vida bom (para época).

¹⁷ Neste trabalho é aceito o apóstolo João como o autor de Apocalipse. Ver: BRUCE, F. F. *Apocalipse*. In: BRUCE, F. F (Ed.). *Comentário bíblico NVI: Antigo e Novo Testamentos*. São Paulo: Vida, 2009. p. 2.213; NGUNDU, Onesimus. *Apocalipse*. In. ADEYEMO, Tokunboh (Ed. Geral). *Comentário bíblico africano*. São Paulo: Mundo Cristão, 2010. p. 1.584.

¹⁸ Cf. SUMMERS, Ray. *A mensagem do Apocalipse: digno é o Cordeiro*. 3. ed. Rio de Janeiro: Juerp, 1978. p. 90, HENDRIKSEN, William. *Mais que vencedores: uma interpretação do Apocalipse*. São Paulo: CEP, 1987. p. 24 e LADD, George Eldon. *Apocalipse: introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 1999. p. 9.

¹⁹ Considerando que a igreja em Éfeso tenha sido fundada em 52 d.C. As outras seis igrejas que ficavam próximas à Éfeso (num raio de aproximadamente 80 km), foram estabelecidas provavelmente um pouco antes ou depois desta. Não se sabe com maior exatidão a data da organização dessas seis igrejas. Contudo, quando Paulo escreveu a epístola aos Colossenses no início de 60 d.C., segundo Carson, Moo e Morris (CARSON, D. A.; MOO, Douglas J.; MORRIS, Leon. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2004. p. 368), Patzia (PATZIA, Arthur G. *Novo comentário bíblico contemporâneo: Efésios, Colossenses e Filemon*. São Paulo: Vida, 1995. p. 20) e Hendriksen (1993, p. 44), ele faz menção da igreja de Laodiceia em 2.1; 4.13, 15-16, o que sugere a data da fundação desta igreja tenha sido um pouco antes, talvez por volta de 55 d.C.

²⁰ O Apocalipse foi citado por Justino (140 d.C.) e Ireneu (170 d.C.) e foi considerado autêntico pelo Cânone Muratoriano (170 d.C.), por Orígenes (250 d.C.) e por Euzébio (315 d.C.). Gundry (2008, p. 606), diz que “O Apocalipse é fortemente atestado como obra canônica e apostólica desde o mais antigo período pós-neotestamentário da história da igreja, a começar pelo *Pastor de Hermas*, no início do Século II d.C., até Origines, na primeira metade do Século III d.C.”

²¹ TENNEY, Merrill C. *O Novo Testamento: sua origem e análise*. rev. Walter M. Dunnett. São Paulo: Shedd Publicações, 2008. p. 391.

²² “[...] deveríamos prestar mais atenção a essas palavras do Mestre às Sete Igrejas, uma vez que são as únicas recomendações para comunidades já estabelecidas. Em nenhum outro lugar na Bíblia encontramos *pronunciamentos de Jesus sobre a igreja já formada*. As cartas, constituem, portanto, uma referência única a respeito daquilo que o Senhor deseja e não deseja ver acontecendo em Sua Igreja.” (BARRO, 2004, p. 201, grifo nosso).

3. Por ser a última mensagem escrita e inspirada pelo Senhor para as Suas igrejas, presumi-se que Ele falaria os assuntos mais importantes e necessários para as mesmas (segundo a Sua perspectiva).

Por isso, essa mensagem será analisada junto com as características mais importantes de cada cidade²³ para uma melhor interpretação e aplicação ao tema desse artigo.

Mensagem à Éfeso (2.1-7)

Éfeso era o centro comercial mais importante da Ásia, possuindo boas instalações portuárias e estradas. Possuía muitos armazéns e um anfiteatro muito famoso com capacidade para 25.000 pessoas e tinha uma população de 300.000 habitantes. A cidade era também muito conhecida por ser a guardiã do templo da deusa Ártemis (Diana, At 19.27-28), considerada uma das sete maravilhas do mundo antigo.

Acerca dessa igreja o Senhor diz que:

- a. Conhece as obras, o trabalho árduo e a perseverança deles.
- b. Reconhece que ela não tolera homens maus (falsos apóstolos) e que odeia as obras dos nicolaítas, assim como Senhor também odeia (algo que o Senhor destaca como sendo favorável a eles).
- c. Reconhece também que eles têm perseverado e suportado sofrimentos por causa do nome de Cristo e que não têm desfalecido.
- d. Contudo, o Senhor os repreende por terem abandonado o primeiro amor e os exorta para que voltem a esta condição e a praticarem as primeiras obras.
- e. O Senhor os adverte que, caso eles não se arrependam, Ele tirará o candelabro da igreja do seu lugar.

Da mensagem a essa igreja e relacionando-a ao objeto desse artigo, resume-se que:

1. Não há nenhuma repreensão do Senhor pelo tipo de culto que era praticado na igreja²⁴, ou pela quantidade de reuniões ou porque a mensagem do evangelho (de origem judaica e cujos acontecimentos referentes ao Senhor Jesus terem ocorridos, aproximadamente, 60 anos antes) não tivesse sido “contextualizada” para a realidade local.

²³ Os dados sobre essas cidades foram obtidos no *Dicionário Bíblico Wycliffe (DBW)* e no *Dicionário Ilustrado da Bíblia (DIB)*, publicado pela CPAD e Edições Vida Nova, respectivamente.

²⁴ Se ela orava muito ou pouco (se a mesma era expressa em voz alta ou silenciosa), se a adoração era realizada com instrumentos musicais e ritmos pertencentes à cultura da cidade, se a programação da igreja era agradável ou não ao “sem igreja” ou porque as pregações não se concentravam nas necessidades dos visitantes.

2. Não há nenhuma observação do Senhor se a igreja (desde a sua fundação até o momento da escrita) aumentou ou não a quantidade de membros ou o recolhimento de ofertas e dízimos.

3. É correto para o Senhor o zelo de uma igreja em observar a Sua palavra²⁵, em perseverar diante do sofrimento²⁶, em trabalhar arduamente para Ele²⁷ e em rejeitar as obras daqueles que Ele rejeita, bem como em não tolerar aqueles que o Senhor também não tolera²⁸.

4. Todavia, além de tudo isso, a igreja deve permanecer no primeiro amor que tinha no início pelo Senhor. Permanecer no primeiro amor não é algo opcional ou um “apêndice” na programação de uma igreja, mas é uma realidade imprescindível que demonstra a sua verdadeira natureza. Como bem expressou Erdman, “O zelo de pureza doutrinária facilmente degenera em rancor contra os que divergem em sua maneira de crer. É possível uma igreja ser sã em doutrina e paciente em perseguições, e, todavia, cometer o erro de abandonar o amor que em outro tempo revelou”.²⁹

Mensagem à Esmirna (2.8-11)

A cidade de Esmirna possuía ruas bem pavimentadas, um grande porto natural, belas construções, diversas praças ornamentadas, biblioteca pública e uma população de

²⁵ Isso merece ser destacado porque na maioria dos livros que discorrem sobre essa mensagem dão elevada ênfase na repreensão e na exortação que o Senhor deu a igreja para que voltasse ao primeiro amor. Porém, para o Senhor Jesus, a igreja deve tanto *permanecer* (ou retornar) no seu *primeiro amor* à sua Pessoa como também no *zelo doutrinário*. Afinal, Paulo disse em 1 Coríntios 13.6 que o amor se alegra com a *verdade*. No NT, o “amor” e a “verdade” não são mutuamente excludentes. O substantivo grego (*alêtheia*) que Paulo empregou em 1 Coríntios 13.6 e que foi traduzido por “verdade” é o mesmo usado em João 14.6 (Jesus dizendo que ser a Verdade), e 17.17 (Jesus afirmando que a Palavra de Deus é a verdade) e em 1 João 5.6 (o Espírito é a verdade).

²⁶ No mundo contemporâneo, tudo o que causa sofrimento, dor, desgaste e cansaço devem ser evitados. O avanço da medicina (tornando o tratamento das doenças mais rápido e menos doloroso), a evolução da tecnologia (disponibilizando para a sociedade inumeráveis comodidades), a expansão do capitalismo (que, em alguns casos, tem produzido o aumento da riqueza e do padrão de vida para quem antes não a possuíam) e a globalização do conhecimento têm promovido uma passiva adesão coletiva à filosofia hedonista (doutrina moral que considera o *prazer* da natureza humana [carne] a finalidade *principal* da vida).

²⁷ Os convertidos (principalmente dos grandes centros urbanos) vêem as igrejas apenas como um local para se “visitar” no domingo à noite (quando sobra tempo em sua desgastante agenda pessoal e familiar) e participar de suas atividades religiosas, desde que não exijam muito deles. Nesse caso, o critério principal é a lei do “menor esforço”, enquanto que Paulo (At 20.35; 1 Co 4.12;15.10; Cl 1.29) e os crentes de Éfeso serviam ao Senhor com a intensidade e profundidade que Ele é digno, e não de acordo com as suas conveniências pessoais.

²⁸ Para muitos o Jesus em quem crêem é aquele mencionado parcialmente nos evangelhos: não condena ninguém, respeita as características pessoais de todo mundo e que cujas palavras são apenas de amor, tolerância, fraternidade universal e paz. Contudo, Jesus elogia esta igreja por *não tolerar* os falsos apóstolos (porque ele também não tolera) e por *odiar* as obras do nicolaítas, como *Ele também odeia*. A mensagem de Jesus não é “inclusivista”, da forma como esse termo é entendido hoje.

²⁹ ERDMAN, Charles R. *Apocalipse de João*. São Paulo: CEP, 1960. p. 36.

200.000 habitantes. Nesta cidade foi construído um templo em homenagem ao imperador Tibério e com isso foi desenvolvido o centro de culto e a adoração aos imperadores romanos. Posteriormente, a igreja dessa cidade sofreu intensas perseguições por Nero (54-68 d.C.) e Domiciano (81-96 d.C.).

Acerca dessa igreja o Senhor diz que:

- a. Conhece as aflições e a pobreza deles, embora que, sob a perspectiva divina, eles fossem ricos.
- b. Conhece os que se julgam ser o “Israel de Jeová” (judeus), mas que, para o Senhor, não são, ao contrário, são “sinagoga de Satanás” (declaração duríssima da parte de Deus).
- c. Ele os encoraja, porque efetivamente vão sofrer prisões, perseguições e a morte.

Da mensagem a essa igreja, compreende-se que:

1. Os itens 1 e 2 da igreja de Éfeso se aplicam também a essa igreja e o Senhor confirma que eles eram realmente pobres (de acordo com o padrão sócio-econômico da cidade) e não há nenhuma repreensão por isto³⁰. Comentando o versículo 2.9, Ashcraft diz que esta “**Pobreza** pode ter resultado da violência da multidão contra os cristãos ou da política de Domiciano, de confiscação dos bens dos cristãos”.³¹

2. Embora o Senhor antecipadamente os revele aquilo que irá ocorrer com alguns membros da igreja (prisões, perseguições e morte), não há nenhuma iniciativa divina para se evitar que isso venha acontecer. E nem por isso, o Senhor os considera “derrotados”, “sem fé”, que necessitam “decretar e profetizar o livramento desses problemas” ou participar de “batalhas espirituais contra o império das trevas”.

Mensagem à Pérgamo (2.12-17)

Pérgamo era a capital da Ásia e foi considerada como uma das mais belas cidades gregas. Tinha um famoso balneário dedicado ao deus Asclépio e a sua escola de escultura era muito prestigiada. Possuía muitas riquezas naturais e uma grande biblioteca com mais de 200.000 volumes. Pérgamo era também o centro de culto a muitos deuses, possuindo uma acrópole de 300 m de altura com muitos templos para adoração de divindades pagãs.

³⁰ O Senhor não revela nenhuma “receita” de como eles poderiam ficar ricos, nem os encoraja a fazer “campanhas pela vitória na vida financeira”. Para Cristo, o fato desta igreja ser pobre não foi nenhum obstáculo para que os descrentes da cidade se recusassem a ouvir o evangelho.

³¹ ASHCRAFT, Morris. *Apocalipse*. In: ALLEN, Clifton J. (Ed.). *Comentário bíblico Broadman*. 3. ed. Rio de Janeiro: Juerp, 1990, v. 12. p. 312. Grifo do autor.

“Pérgamo era assim uma fortaleza das religiões pagãs e do culto ao imperador, um ambiente extremamente difícil para uma igreja cristã”.³²

Acerca dessa igreja o Senhor Jesus diz que:

- a. Sabe onde eles vivem (lugar em que está o trono de Satanás) e reconhece que permaneceram fiéis e não negaram a fé no Senhor, mesmo diante da perseguição e da morte de um de seus membros (Antipas).
- b. No entanto, Ele os repreende por permitirem em seu meio pessoas que aderiram aos ensinamentos de Balaão e a dos nicolaítas³³ e os exortou para que se arrependessem disso.

Da mensagem a essa igreja e vinculando-a ao objeto desse artigo, resume-se que:

1. De igual forma como aconteceu com a igreja de Esmirna, os itens 1 e 2, listados à igreja de Éfeso, se aplicam também a esta igreja.

2. Não se sabe o porquê desta igreja ter aceitado pessoas que praticavam os ensinamentos de Balaão e dos nicolaítas. Talvez, por serem ensinamentos e práticas aceitáveis na sociedade, esses membros passaram a adotá-los objetivando serem aceitos e a não sofrerem nenhum tipo de perseguição ou hostilidade perante a comunidade local.

Mensagem à Tiatira (2.18-29)

Tiatira era uma cidade situada no caminho de Pérgamo a Sardes, com muitas atividades comerciais e também possuindo amplas corporações comerciais desenvolvidas. Lídia era vendedora de púrpura de Tiatira, provavelmente uma representante de sua corporação em Filipos (At 16.14). Muito possivelmente os membros dessas corporações (e talvez os crentes da igreja) necessitavam participar de festas e ritos idólatras frequentemente praticados na sociedade (que incluíam prostituição cultural e imoralidade sexual), para poderem comercializar seus produtos.

Acerca dessa igreja o Senhor diz que:

- a. Conhece as suas obras, o amor, a fé, o serviço, a perseverança e o aumento dos frutos.

³² LADD, 1999, p. 37.

³³ A prática dos ensinamentos de Balaão e dos nicolaítas muito provavelmente estava inserida num contexto de idolatria, rituais pagãos, feitiçaria e prostituição sexual. Talvez para a sociedade de Pérgamo, tratava-se de um evento “cultural” e “normal”, mas para o Senhor era algo que Ele reprovava. “A promessa é especialmente apta para os que eram tentados a participar de festividades em que se comiam alimentos sacrificados aos ídolos. Abstendo-se dessas iguarias, os cristãos podiam antecipar um banquete mais farto no Reino dos Deus.” (BEASLEY-MURRAY, G. R. *Apocalipse*. In: DAVIDSON, F. (Ed.). *Novo comentário da bíblia*. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2002. p. 1.455).

- b. Mas a repreende por tolerar em seu meio uma mulher (Jezabel) que se intitula como sendo profetiza, mas que pelos seus ensinamentos induz os fiéis à imoralidade sexual e a comerem carne sacrificada aos ídolos.
- c. Cristo deu um período de tempo para que ela (a profetiza) se arrependesse (mas se negou a assim proceder), por isso, Ele a julgará através de enfermidade e também matará os filhos dela (ou discípulos). Por causa disso, todas as igrejas que souberem, reconhecerão que o Senhor sonda mentes e corações e que retribui a cada um conforme o que o seu modo de vida revelar (um coração e uma mente fiel ou não).
- d. Aqueles que não se envolveram com os ensinamentos de Jezabel, Ele não colocará uma outra carga sobre os mesmos. Para Summers, “O Senhor [...] promete não sobrecarregá-los com obrigações espirituais maiores das que já têm, nem com deveres adicionais, por meios de revelações gnósticas especiais (2.24)”.³⁴
- e. Os encoraja para que se apeguem com firmeza, até a volta de Cristo, àquilo que já possuem.
- f. E, reforçando o que foi dito no item anterior, existe uma promessa condicional: aquele que fizer a vontade do Senhor até o fim (o “vencedor”) receberá autoridade sobre as nações.

Da mensagem a essa igreja resume-se que:

1. Há uma ligeira referência ao crescimento dos frutos, comparando-se o estágio inicial da igreja com o do momento da escrita da mensagem (2.19). É importante destacar que esse tipo de crescimento (obras, amor, fé, serviço e perseverança) é elogiado pelo Senhor, embora o mesmo não possa ser utilizado para legitimar e/ou contrabalancear o erro da igreja em tolerar uma “Jezabel” em seu meio. Souza alerta que “Crescimento numérico em si não é prova de saúde integral da igreja. [...] É o crescimento integral em santificação e em pureza que o Senhor quer identificar, apreciar e reconhecer”.³⁵

2. A ênfase da mensagem a essa igreja foi sobre a necessidade dela tanto em continuar crescendo nas áreas mencionadas no versículo 2.19, como também da mesma em buscar a pureza e a santificação nas palavras, nos atos e nos ensinamentos, tendo que para isso rejeitar com discernimento e compaixão as influências pecaminosas do mundo em sua volta.

Ladd diz que

³⁴ SUMMERS, 1978, p. 118.

³⁵ SOUZA, Luís Wesley de. *Uma igreja sem o propósito da pureza e da santidade*. In: BARRO, Jorge Henrique. (Org.). *Uma igreja sem propósitos: os pecados da igreja que resistiram ao tempo*. São Paulo: Mundo Cristão, 2004. p. 36.

O problema em Tiatira era uma tolerância que não era sadia. [...] Os efésios tinham provado os que se diziam apóstolos e rejeitado os pseudo-apóstolos, mas este conflito os fez rudes e críticos. Aqui temos uma igreja com muito e crescente amor e fé, que tolera falsos profetas em seu próprio prejuízo.³⁶

3. Nos versículos 2.24 e 25 o Senhor diz que não acrescentará outra carga sobre a igreja e a exorta para que “apeguem-se com firmeza ao que já têm (a “carga”³⁷ atual)”, por mais que possa ser impopular tal postura³⁸.

4. A igreja deve perseverar (até a volta de Cristo) no crescimento constante das virtudes listadas em 2.9 e também na rejeição dos ensinamentos e das práticas que o Senhor considera como pecaminosas. É importante destacar que, na cosmovisão inclusivista da sociedade brasileira contemporânea, esse tipo de rejeição não será bem visto e a igreja que assim o fizer, poderá sofrer todo tipo de retaliação pelos grupos que se sentirem prejudicados (políticos, homossexuais, prostitutas, umbandistas, feiticeiros, católicos romanos, hippies, satanistas, viciados em bebidas alcoólicas, no cigarro, nas drogas e em jogos de azar, etc.).

Mensagem à Sardes (3.1-6)

A glória de Sardes estava no passado e ela foi a principal cidade da Lídia no sexto século a.C. Na época do NT, ela estava reduzida à uma relativa obscuridade. Mesmo assim, comandava o grande mercado e as estradas militares das ilhas do Egeu até o interior das províncias romanas da Ásia e da Galácia e possuía um importante centro

³⁶ LADD, 1999, p. 41.

³⁷ É bem provável que João se refira em Apocalipse 2.24 como “carga” (grego, *baros*), a carta emitida pelo concílio de Jerusalém (At 15), onde consta a mesma palavra grega (*baros*), e que foi traduzida pela ARA, por “encargo” em At os 15.28.

³⁸ Hendriksen (1987, p. 93, grifo do autor), comentando o dilema dos cristãos de Tiatira face o exposto no versículo 2.20, diz: “[...] [as] sociedades comerciais [em Tiatira] eram associadas com adoração de divindades tutelares; cada setor tinha o seu deus guardião. A situação, portanto, era mais ou menos como segue: se você deseja ir em frente neste mundo, então deve pertencer a uma sociedade; e se faz tal coisa, isto significa que terá que adorar a sua divindade. Espera-se que você assista aos festivais da sociedade e coma o seu alimento, o qual uma porção é oferecida à divindade tutelar, e que você receba em sua mesa o que fora ofertado àquele deus. E assim, quando a festa termina e começa a verdadeira diversão – grosseiramente imoral – você não deve sair, a menos que deseje tornar-se objeto de ridículo e de perseguição.

Em situação tão difícil com esta, o que o cristão deve fazer? Se ele deixa a sociedade (comercial), então perde sua posição e reputação na sociedade. Pode sofrer privações, fome e perseguição. Por outro lado, se permanece na sociedade comercial e assiste às festas imorais, comendo as coisas oferecidas aos ídolos, e cometendo fornicação, nega seu Senhor.

Nesta situação difícil a profetiza Jezabel pretendia saber a real solução do problema, a maneira de se sair da dificuldade. Ela, aparentemente, argumentava assim: para poder vencer a Satanás, é preciso conhecê-lo. Jamais poderá alguém vencer o pecado, a menos que o conheça a fundo por meio da experiência. Resumindo, um cristão deveria aprender a conhecer ‘as coisas profundas de Satanás’. Faça tudo para assistir às festas da sociedade comercial e cometa fornicação [...] e ainda continue sendo cristão; ou antes, torne-se assim um **melhor** cristão.”

industrial de tinturaria e de produtos de lã. Nesta cidade localizava-se um grande templo de adoração à Cibele. Sua riqueza e tamanho indicam que ali existiu uma comunidade judaica bastante próspera e numerosa no primeiro século. O povo da cidade também era conhecido pela sua maneira de viver luxuosa e dissoluta.

Acerca dessa igreja o Senhor diz que:

- a. Conhece as suas obras, que não são perfeitas como deveriam ser.
- b. Embora tivesse a fama de estar viva (para a igreja e/ou para a sociedade), porém, para o Senhor, ela estava morta.
- c. Por isso, Ele exorta a igreja para que esteja atenta; lembre-se do que recebeu e ouviu, para que fortaleça o restante que estava para morrer, e que obedeça e se arrependa.
- d. Reconhece que uns poucos³⁹ da igreja permaneceram fiéis e não contaminaram as suas vestes⁴⁰.

Da mensagem a essa igreja, resume-se que:

1. É bem provável que a igreja de Sardes fosse razoavelmente numerosa⁴¹ em função de não ter havido na cidade perseguição aos cristãos, seja por Roma ou pelos judeus e dela não ter sido atacada por nenhuma heresia.

2. Contudo, apesar de aos olhos da sociedade de Sardes a igreja aparentar que estivesse viva e produzisse muitas obras, para o Senhor ela se encontrava morta. Jenney diz que os membros dessa igreja “Conhecem a verdade, mas aparentemente foram seduzidos pela complacência, pelo conforto e pela prosperidade que os cercava”.⁴²

3. Por isso, é imprescindível para a igreja examinar cuidadosamente nas Escrituras⁴³ (e não nas técnicas de crescimento das organizações seculares) o que é que o Senhor requer de uma igreja e fazer regulares auto-avaliações para corrigir eventuais distanciamentos que estejam ocorrendo em relação à Sua vontade.

Mensagem à Filadélfia (3.7-13)

³⁹ Gingrich & Danker conceituam o adjetivo grego *oligas* como “poucos”, “um pouco” e “um punhado”. GINGRICH, F. Wilbur; DANKER, Frederick W. *Léxico do Novo Testamento grego/português*. São Paulo: Vida Nova, 1991. p. 145.

⁴⁰ “A linguagem ecoa a inscrição achada na Ásia Menor que anuncia que as roupas tingidas desqualificavam o adorador e desonravam ao deus (Ford).” (RIENECKER, Fritz & ROGERS, Cleon. *Chave lingüística do Novo Testamento grego*. São Paulo: Vida Nova, 1997. p. 610).

⁴¹ A expressão “uns poucos” do versículo 3.4, referindo-se a uma parte da totalidade da igreja, pressupõe a existência de um grupo maior.

⁴² JENNEY, Timothy P. *Apocalipse*. In: ARRINGTON, French L. & STRONSTAD, Roger. (Eds.). *Comentário bíblico pentecostal: Novo Testamento*. Rio de Janeiro: CPAD, 2003. p. 1852.

⁴³ Já que, segundo Mateus 28.18-20 e 2 Timóteo 3.16, as Escrituras são a revelação de Deus para o ser humano.

Filadélfia era uma cidade da província da Lídia (e a mais jovem entre as sete do Apocalipse), localizada junto a uma importante rota comercial e controlava um grande distrito produtor de uvas, o que contribuiu para a sua prosperidade. O culto a Dionísio (deus do vinho) era muito difundido na sociedade.

Acerca dessa igreja Cristo diz que:

- a. Conhece as suas obras.
- b. Reconhece que embora igreja tenha pouco poder, ela guardou a palavra do Senhor e não negou o Seu nome.
- c. Ele colocou uma porta aberta em favor da igreja.
- d. Porque eles guardaram a palavra de exortação para que permanecessem fiéis ao Senhor, Ele os guardará da provação que virá sobre o mundo inteiro.
- e. Ele os encoraja a reterem o que tinham recebido do Senhor.

Da mensagem a essa igreja, sumariza-se que:

1. Não há nenhuma repreensão do Senhor pelo fato da igreja ter pouco poder, nem muito menos existe alguma exortação para que a mesma realize “campanhas para obter mais poder”. Ladd comenta: “Sei que *tens pouca força* é a melhor tradução. A ênfase não está na pouca força que a igreja tem, mas no fato de que ela tem somente uma pequena força. Aparentemente esta igreja era pequena, fraca e sem influência”.⁴⁴

2. Para o Senhor, mais importante do que ter muito poder (financeiro, político, econômico ou religioso) é estudar profundamente a Sua palavra e obedecer-lha fielmente, mesmo que isso, eventualmente, não produza crescimento à igreja.

3. O Senhor exorta sua igreja para que conserve o que tem (as obras), mesmo diante da provação que virá sobre o mundo inteiro.

4. Não há nenhuma censura de Cristo pelo tamanho da igreja (se ela tinha crescido ou não) ou alguma exortação para que a mesma buscasse o mesmo crescimento que estava ocorrendo em outras próximas.

Mensagem à Laodiceia (3.14-22)

Esta cidade também era localizada numa intensa rota comercial, possuindo muita atividade bancária e industrial (produzia um famoso “pó frigio”, utilizado para fabricação de colírio e uma conhecida pomada para tratamento dos ouvidos) e a sua grande riqueza provinha da produção e do comércio de uma mundialmente famosa lã negra, de fina qualidade. Quando a cidade foi destruída por um terremoto em 60 d.C., seus habitantes,

⁴⁴ LADD, 1999, p. 47. Grifo do autor.

por se acharem auto-suficientes, recusaram-se a receber subsídios de Roma e reconstruíam-na com recursos próprios.

Acerca dessa igreja o Senhor diz que:

a) Conhece as suas obras⁴⁵ e sabe que eles não são nem “frios” nem “quentes”, mas na ótica dEle, são “mornos”.

b) A imagem que a igreja tinha de si é que eram “ricos, tinham adquirido muitas riquezas e que não precisavam de nada”. Porém, para Cristo, eles eram “miseráveis, dignos de compaixão, pobres, cegos e que estavam nus”. Esta descrição de como o Senhor vê uma cidade, um povo ou a Sua igreja é a pior que está registrada no NT!

c) No versículo 3.18 o Senhor os exorta para que se humilhem diante dEle, revejam todos os seus valores à luz de Sua revelação e se submetam a mesma.

d) Porque Ele disciplina⁴⁶ aquele que ama, a igreja deve ser regularmente tanto zelosa⁴⁷ como em se arrepender daquilo que O desagrada.

e) O Senhor deseja ter comunhão íntima e fervorosa com a Sua igreja, mesmo ela sendo “morna” (3.20).

Da mensagem a essa igreja se deduz que:

1. É muito provável que esta igreja fosse numerosa, possuindo muitas pessoas de influência e da alta sociedade (como muitos líderes hoje desejam para suas igrejas).

2. É também bem possível que a igreja fosse bem vista pela sociedade local em função de alguns de seus membros serem ricos e de prestígio social e considerando a inexistência de hostilidades por parte dos judeus e de perseguições pelo império Romano.

3. Ladd diz que

Laodicéia era muito parecida com Sardes: um exemplo de cristianismo nominal e acomodado. A maior diferença é que em Sardes ainda havia um núcleo que tinha preservado a fé viva (3.4), enquanto que toda a igreja de Laodicéia estava tomada pela indiferença.⁴⁸

4. Mais importante para a igreja do que ela ser rica financeiramente, ter prestígio, poder político e grande influência na sociedade, é ela possuir os valores da vida segundo a

⁴⁵ Para Jesus, é o tipo de obra da igreja que revela se ela é “morna”, “quente” ou “fria” e não a sua forma de culto ou o tipo de orações que são realizadas na mesma.

⁴⁶ O conceito bíblico de disciplinar tem a idéia de ser um processo doloroso e corretivo, sob a perspectiva da Lei de Deus, para produzir nos seus filhos que sofreram disciplina, a disposição do coração à obediência e ao temor do Senhor. Portanto, o Senhor não irá disciplinar os inimigos dos crentes (embora possa tratá-los com justiça, segundo a Sua soberana vontade), mas, sim, os Seus filhos legítimos. Mesmo sendo o Senhor misericordioso e amoroso!

⁴⁷ No original grego tanto os verbos *zêleue* (“zelar-se”) e *metanoêson* (“arrepender-se”) estão no imperativo do presente.

⁴⁸ LADD, 1999, p. 50.

ótica do Senhor e ter comunhão íntima com Ele (que poderá ocasionar alguma influência na sociedade, mas da forma que seja agradável ao Senhor).

Considerações Finais

Inicialmente, este artigo descreveu três modelos de crescimento de igreja bastante difundidos no meio evangélico brasileiro, aonde se crê que o crescimento da quantidade de pessoas participando das programações da igreja deva ocorrer e que é da vontade do Senhor que isso sempre aconteça. Em seguida as mensagens às sete igrejas do Apocalipse foram analisadas, buscando algo que possa se referir ao movimento de crescimento de igreja. Deste modo, extraem-se as seguintes considerações finais:

1. Há a necessidade dos adeptos do MCI de se comprovar que Paulo (ou outro apóstolo) utilizou o modelo de crescimento de uma igreja (considerada de “sucesso” para época) para tentar fazer outra também crescer.

2. É também preciso demonstrar a utilização ou o ensino por parte dos apóstolos, das ferramentas⁴⁹ que hoje são descritas como absolutamente imprescindíveis (tais como a igreja pesquisar as características do “nicho de mercado que queira alcançar” e de reorganizar toda a sua estrutura para que a mesma se adapte a este “mercado-alvo”, por exemplo), para que uma igreja possa crescer.

3. Se as suposições “1”, “2” e “3” do segundo capítulo (pág. 8) estiverem corretas, esperar-se-ia que o Senhor desse algum destaque para que as sete igrejas utilizassem o modelo de crescimento, aquele que tivesse dado certo noutra, e/ou, que as igrejas procurassem entender o seu “público-alvo” e se organizar, buscando atender ao mesmo.

4. Também aguardar-se-ia que o Senhor tecesse elogios para aquela igreja que tivesse tido o tipo de crescimento tão valorizado hoje no MCI (numérico) e, talvez, alguma repreensão para aquelas em que não tivesse ocorrido esse fato.

5. Todavia, no que pôde ser observado, Cristo chama a atenção sobre a necessidade da Igreja de: (1) se arrepender de seus pecados e desvios; (2) ter comunhão íntima com Ele; (3) crescer em obras, fé, amor, serviço e perseverança; (4) obedecer a Sua palavra com zelo; (5) se desgastar servindo-O no Seu Reino; e (6) rejeitar aqueles que Ele rejeita, bem como seus ensinamentos e práticas (mesmo sejam aquelas são bem aceitas pela sociedade em derredor da igreja).

[Recebido em: fevereiro de 2012;

Aceito em: novembro de 2013]

⁴⁹ Evidentemente que as ferramentas mencionadas, como são conhecidas hoje, não existiam na época do NT. Porém, a essência delas, em muitos casos, sim.